

al. ma

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

especial

PATRIMÓNIO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

inquerito aos
**Planos Directores
Municipais de 1ª Geração**
entrevista com
Gonçalo Ribeiro Telles

Pesca de Naufrágios: história e
arqueologia do mergulho

Viriato: o homem e o mito

Património Industrial:

Companhia Portuguesa de Pescas
Construção naval tradicional

Série n.º 12
dezembro 2003
3 euros



0871-066122

crónicas • opinião • livros • eventos • notícias • conhecer • escavando online

É URGENTE DEFENDER

O Sítio Arqueológico da Água Branca

e os vestígios romanos que lhe são associáveis

por João Lizardo

A relevância do ordenamento do território e dos Planos Directores Municipais, tema que é abordado no presente número desta revista, representa o reconhecimento de medidas necessárias para a defesa do Património, com especial interesse para aquele que está oculto ou menos visível, como seja o património arqueológico. Mas, a utilização desses instrumentos de gestão do território não está isenta de especiais perigos, derivados das naturais lacunas que venham a existir nos levantamentos que aí sejam consagrados, dado que os vestígios que fiquem de fora dessa inventariação permanecerão ainda mais abandonados e serão relegados para total esquecimento face aos demais. E, por isso, espera-se que o debate a este respeito seja especialmente virado para os métodos de recolha de dados que irão servir de base às diversas medidas de ordenamento, dado que o seu carácter globalizante as torna extremamente perigosas relativamente aos bens do património histórico, artístico ou arqueológico que fiquem de fora das respectivas inventariações.

Esta introdução decorreu da necessidade que se sentiu em chamar a atenção para a urgência de medidas de protecção ao conjunto de vestígios romanos usualmente designados como Água Branca, cuja dimensão tem vindo a ser realçada por factores que constituem também motivos para a sua total destruição.

A estação arqueológica da Água Branca tem sido referida por vários autores, com especial destaque para Jorge Alarcão que chegou a propor que aí se situasse o *Aritium Praetorium* do *Itinerário de Antonino*, e localiza-se no limite do concelho de Abrantes com o da Ponte de Sor, num vale e respectivas encostas que faz parte da Herdade da Água Branca de Cima e é cortado pela Estrada Nacional n.º 2.

As características morfológicas da zona são em tudo idênticas às referidas na *Carta Arqueológica de Ponte de Sor*, integrando-se no "vasto planalto que se estende para ocidente na direcção da Chamusca", correspondendo ao enchimento sedimentar da bacia cenozóica do Tejo que "termina com o derrame de extenso manto aluvial de calhaus rolados [...]. O referido manto de conglomerados define, em termos morfológicos, uma superfície planáltica, com 200-210 m de altitude a ocidente de Ponte de Sor, correspondente à superfície culminante da bacia".

Para os vestígios existentes na Água Branca temos uma data de referência, dado que, nos anos 1940, quando se abriu o poço que ainda hoje domina o espaço em causa, surgiu um tesouro de moedas das quais foi possível obter dois *bolhões* mandados cunhar pelo Imperador Valeriano.

Em 1991, foram aí realizados trabalhos de acompanhamento arqueológico, na zona central do vale, nas proximidades do poço atrás referido, cujos resultados se desconhecem, tendo então ficado visível, a fraca profundidade, um compartimento pavimentado com grandes e irregulares lajes de xisto. Entretanto, os resultados desta "escavação" foram destruídos pelos trabalhos da lavoura e desapareceram totalmente, mas, as lajes do pavimento eram idênticas às utilizadas para o mesmo fim numa construção de uma das herdades vizinhas e, por isso, é bem provável que, neste caso, se trate de um reaproveitamento de cantarias oriundas da Água Branca, supondo-se que terá existido um intenso uso desses materiais em obras mais recentes, o que poderia ser comprovado com exactidão se ainda existisse o pavimento que foi revelado em 1991.

Uma das características desta "estação" consiste no abundante apa-

recimento de grandes blocos de granito, cuidadosamente aparelhados, apresentando duas ranhuras para o "forceps", de feito paralelepípedo para os maiores e tendencialmente quadrado para os de dimensões inferiores, blocos esses que não só se acham espalhados pelo vale mas também se encontram nos "montes" vizinhos, onde foram reaproveitados com diversas utilizações.

Como resulta do estudo geológico atrás referido, a zona é totalmente desprovida de "pedra" que possa ser trabalhada, o que faz sobressair a presença destes blocos, que talvez tenham tido origem num local a Noroeste da povoação de Vale das Mós, aonde existe um pequeno afloramento granítico que foi utilizado como pedreira e é detectável uma sepultura escavada na rocha e, pelo menos, vestígios de outras duas.

Para além das características que já eram conhecidas, sucede que, a alguma distância da zona de maior concentração de vestígios, foi agora aberta uma vala que, a uma profundidade superior a dois metros, veio expor alguns outros blocos de pedra bem trabalhada, os quais encontravam-se sequencialmente colocados à beira de um pequeno curso de água, revelando um qualquer tipo de construção que assumiria significativas dimensões e que, face à profundidade a que se encontra, poderá estar ainda bem conservada.

No conjunto dos vestígios observáveis, deverá realçar-se que, apesar da abundância de materiais de construção e de fragmentos de cerâmica de uso vulgar, não foi possível detectar nenhum indício que pudesse ser associado a um maior requinte quanto aos habitantes desta zona.

E, numa visão forçosamente superficial, nada existe que permita concluir pela existência de alguma obra pública, cuja utilidade as ca-

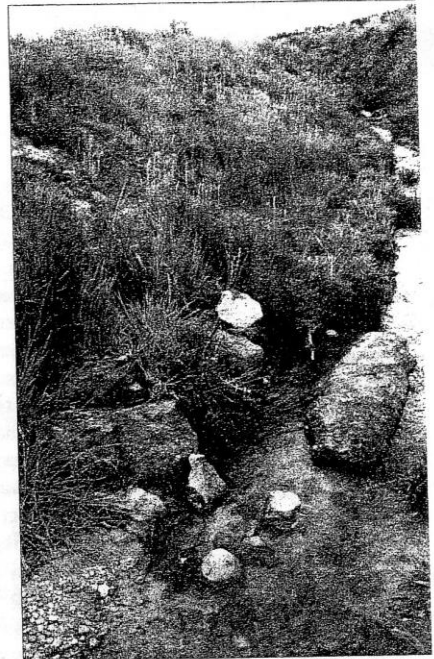


Figura 1

Água Branca: blocos de pedra aparelhada surgidos recentemente, quando foi aberta a vala que se vê na imagem.

características do terreno não justificariam; por outro lado, a "imponência" dos blocos de pedra não é facilmente compatível com uma *villa*, para a qual não se conseguem vislumbrar traços do "luxo" que, normalmente, é associável a este tipo de ocupação.

Este conjunto de características levanta interrogações sobre qual seria o destino da ocupação da Água Branca, tomando lícita a suposição de que existirá alguma singularidade a este respeito.

Porém, se, por um lado, as recentes movimentações de terra trouxeram à superfície e revelaram alguma "monumentalidade" quanto aos vestígios aí existentes, também será mais do que evidente que estas alterações põem em causa e geram o perigo de total destruição das camadas que ainda se encontrem intactas.

ALARCÃO, Jorge (1973) – *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo, p. 74. Igual localização é defendida por SILVA, Joaquim Candeias da (1989) – *Ficheiro Epigráfico*, 33 (suplemento da revista *Conimbriga*).

PONTS - Grupo de Estudos Arqueológicos de Ponte de Sor (1999) – *Carta Arqueológica de Ponte de Sor*. Ponte de Sor: C.M.P.S. Ob. cit., pp. 19-20.

As duas moedas referidas no texto são de fácil identificação e apresentam as seguintes inscrições: IMPCPLIC VALERIANUS PF AUG – APOLINI CONSERVA e IMPCPLIC VALERIANUS AUG – FIDES MILITUM.

Para além daquilo que se supõe que será a intrínseca importância da Água Branca, deverá também realçar-se que a mesma goza de um especial enquadramento relativamente a sinais mais ténues que se detectam nas zonas vizinhas e que poderão ser-lhe associados.

A pouca distância, observam-se alguns materiais de construção à superfície, no sítio do Bufão, já no concelho de Ponte de Sor⁵, e, na direcção oposta, em território do concelho de Abrantes, numa pequena área de uma encosta de Vale de Cortiços, observam-se fragmentos correspondentes a um interessante número de peças de cerâmica de uso corrente, acompanhados de materiais de construção e um peso de tear em cerâmica, idêntico a um outro trazido à superfície na Água Branca, sendo natural que represente uma instalação secundária relativamente ao primeiro caso⁶.

Além disso, mais adiante, ir-se-ão encontrar, a curtas distâncias (mais ou menos de cinco quilómetros entre si), vários pequenos vestígios que deverão ser associados à via romana da qual foram detectados dois fragmentos de marcos miliários, com as respectivas inscrições, o da Lagoa Grande⁷ e o das Aranhas⁸, aos quais se poderão adicionar as "colunas" do Tamazim.

Neste caso, nas redondezas de uma pequena capela, datada de 1641, Mário de Saa referiu a existência de uma "coluna", "*na forma cónico-cilíndrica dos miliários*", que serviria de cruzeiro, e duas metades de uma outra coluna, cortada longitudinalmente, que serviriam de suporte para o alpendre de um forno⁹.

Já não existe tal alpendre nem se observam essas metades, mas, no cimo do cabeço, por detrás da capela,

encontra-se uma "coluna" de granito bem trabalhado, que foi derrubada pelos trabalhos para a plantação de eucaliptos, e que, com a respectiva base, apresenta um comprimento total de 2,5 metros; embora esta medida não seja inteiramente coincidente com a apresentada por Mário de Saa, a existência de uma cavidade na sua face superior poderia ter servido para a implantação da cruz que referiu.

Para além disso, junto às construções em frente da capela, observam-se um fragmento, constituído pela base e início do fuste, que é idêntico à "coluna" que lhe fica sobranceira, sendo possível que um outro fragmento de granito semi-enterrado nas proximidades fizesse também parte desta última "coluna".

Pelas suas características, parece ser irrefutável que se trata de dois marcos miliários, embora não se encontrem em locais aonde fosse provável a passagem de qualquer caminho, sendo mais lógico que, tal como sucede com o fragmento das Aranhas, tivessem sido deslocados com o objectivo de demarcarem os extremos de alguma propriedade rural.

Desde a Lagoa Grande e até à Água Branca, no cimo da superfície planáltica da "chameca", a espaços regulares, detectam-se pequenas concentrações de materiais de construção e fragmentos de cerâmica, à beira de um caminho que já é referido em documentos do séc. XV¹⁰, enquanto que, antes da Lagoa Grande, foi descrita uma outra aglomeração de vestígios do mesmo tipo¹¹.

No que diz respeito à Lagoa Grande, já foram facilmente observáveis elevações de forma circular que deveriam corresponder a ruínas de edificações, devendo confessar-se que a elevação mais pequena,

Arte Rupestre em Canidelo (Vila Nova de Gaia)

levanta interrogações aos arqueólogos

por J. A. Gonçalves Guimarães [responsável pelo Solar Condes de Resende]

No dia 6 de Abril de 2002, no Solar Condes de Resende, no início da acção de formação *Geomonumento de Lavadores: uma praia a descobrir*, organizada por esta Casa Municipal de Cultura em colaboração com o Dep. de Geologia da Fac. de Ciências da Univ. do Porto e com o Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, a qual teve como autor o geólogo Paulo Rocha, apresentámos a descoberta recente de arte rupestre, vulgo "gravuras", na área daquela praia.

Poucos dias antes, Luís Baião, professor de Educação Visual, quando

ali passeava, descobriu num rochedo, a que as marés roubaram a areia, sulcos gravados que lhe lembraram gravuras rupestres pré-históricas. Partilhou de imediato o achado com sua mulher, Caria Pires, arquitecta no Gabinete para a Recuperação Urbana do Centro Histórico de Gaia, a qual alertou para tal Maria da Graça Peixoto, arqueóloga do mesmo serviço, que por sua vez nos comunicou o facto, enquanto arqueólogo responsável pelo Núcleo Museológico de Arqueologia do Solar Condes de Resende.

No dia 19 de Março seguinte, deslocámo-nos ao local com a ar-

há muitos anos atrás, foi objecto de uma pequena e improvisada "escavação"¹² que revelou indícios de um edifício, de cerca de 10 x 10 m. Apresentava um espaço pavimentado com tijoleiras irregulares, para o qual contribuíam também *tegulae* que tinham sido reaproveitadas para este fim através da eliminação dos bordos salientes, tendo também sido verificado que o telhado era unicamente constituído por *imbres* de grande dimensão. Tudo indicava que esta construção teria sido edificada numa época mais avançada com materiais

provenientes das ruínas a que corresponderiam as elevações de maior dimensão, o que admite a hipótese de estarmos perante vestígios modestos mas que se reportarão a épocas de ocupação pouco abordadas, provavelmente alto-medievais. Sucede, no entanto, que esta zona sofreu, entretanto, grandes destruições, devido quer a trabalhos de arborização, quer à escavação de trincheiras para exercícios militares.

No fundo, e numa apreciação de conjunto, deverá ser realçado que a extrema modéstia destes vestígios torna muito fácil o seu desaparecimento e só o facto de nos encontrarmos perante uma zona totalmente despovoada é que explica que ainda seja possível observar alguma coisa nesta área; por outro lado, estamos perante um conjunto coerente e que poderá ser relevante para a compreensão da rede viária romana no nosso país¹³. Porém, no caso da Água Branca, a ocupação humana está a tornar-se cada vez mais intensa e, por isso, torna-se cada vez mais necessário e premente que sejam tomadas medidas para salvaguarda dos seus vestígios.

⁵ Vide PONTIS... 1999: 65.

⁶ Estes vestígios corresponderão àquilo que é denominado como "pequenos sítios" no texto de LOPES, Conceição (2001) - "Mundo Rural em Pax Julia: estrutura e funcionamento". Revista ERA, 3: 142.

⁷ O marco miliário que se achava na Lagoa Grande e foi levantado por Mário de SAA, está descrito por este autor em *As Grandes Vias da Lusitania* (1956), tomo I, p. 214.

⁸ O marco miliário achado na extrema entre as propriedades do Vale da Lama e das Aranhas de Baixo data da época do Imperador Constantino Magno e foi estudado por SILVA, Joaquim Candeias da (1989) - *Ficheiro Epigráfico*, 33, inscrição n.º 152 (suplemento da revista *Conimbriga*).

⁹ In SAA, Mário de (1956) - *As Grandes Vias da Lusitania*, Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória, Tomo I, p. 253.

¹⁰ Para a estrada em causa, encontrou-se uma referência num documento de 1473, in VILAR, Herminia Vasconcelos (1988) - *Abrantes Medieval*, Abrantes, p. 47, nota 18.

¹¹ A Oeste da Lagoa Grande, e a uma distância equivalente às já referidas, encontra-se a estação da Galega Nova, estudada e publicada por A. M. Dias Diogo.

¹² O signatário assume a responsabilidade pela "escavação" referida no texto, realizada por um grupo de jovens liceais, há muito mais de trinta anos, até porque a prática de um eventual crime (que ainda não estava qualificado como tal...) já estaria prescrita, e,

por outro lado, a área abrangida foi tão pequena que os estragos não seriam de monta...

¹³ No respeito às estradas romanas, um autor inglês, com algum humor, refere-se a "caçadores de estradas", afirmando: "Poderá imaginar-se que as estradas romanas estão suficientemente pesquisadas e estudadas, mas, na verdade o Itinerário de Antonino fornece a única lista escrita e nem todas das quinze maiores estradas britânicas aí relacionadas foram identificadas. Em muitas regiões, especialmente nas mais periféricas, é bastante bom o potencial de descoberta de estradas romanas perdidas. Os caçadores de estradas são bastante numerosos..." [Muir, Richard (2000) - *The New Reading the Landscape. Fieldwork in Landscape History*, Exeter: Univ. of Exeter Press, p. 116].